

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Boleia de São Paulo

Class.: Política Indig. Oficial

Data: 9 de fevereiro de 1981

Pg.: 464

Do lado dos índios

Getúlio Vargas descobriu um método "infalível" para agilizar setores da administração federal: a criação de departamentos nacionais e serviços diretamente ligados à Presidência da República. Com isso, além de cortar o nó burocrático que muitas vezes emperrava funções importantes, atraía para o mais alto nível certas decisões, contornando obstáculos existentes dentro da burocracia estabelecida. Juscelino Kubitschek terá sido o presidente que levou essa tendência ao máximo, com a instauração de toda uma administração paralela que, na verdade, acabou decidindo mais do que a burocracia ministerial. A criação do Ministério do Interior pareceu colocar um termo nessa duplicidade administrativa.

Entretanto, a junção, no Ministério do Interior, de organismos tão díspares como os que se ocupam da habitação urbana, das obras contra a seca, da proteção ao índio, que implicam opções diversas em termos de políticas públicas, e até mesmo decisões conflitantes, acabou colocando problemas aparentemente inesperados. De qualquer modo, tem-se hoje a situação paradoxal de que são organismos da mesma Pasta, portanto subordinados à mesma autoridade maior, que se encarregam de incentivar a colonização do Norte e do Centro-Oeste e, por outro lado, protegem os índios ameaçados por essa expansão do homem branco.

Não é por acaso, portanto, que a legislação de tutela ao índio, que confere poderes especiais à Funai para proteger e preservar as etnias nativas, acaba sendo empregada para conferir caráter legal ao estatuto de menoridade dos povos indígenas. Ainda há pouco tivemos o episódio ridículo da tentativa de cerceamento à liberdade de viajar do chefe Mário Juruna. A vindita mesquinha mal-

encoberta no episódio transparece novamente na tentativa de maldisfarçada punição a um grupo de índios que ousam discutir com a Funai de igual para igual.

Trata-se de um grupo de jovens bolsistas da Funai, estudantes em Brasília, que, por decisão daquele órgão, agora referendada pelo ministro Mário Andrezza, tiveram suas bolsas cortadas e serão obrigados a dispersar-se em diversas cidades caso desejem continuar seus estudos. A súbita e coletiva descoberta de que o clima do cerrado seria inconveniente para as mentes nativas surgiu depois que aqueles índios-estudantes fundaram um organismo unindo representantes de diferentes nações indígenas na defesa de seus interesses comuns. Seria portanto necessário acreditar demais em coincidências para não suspeitar da existência de relação entre os dois episódios. Mesmo porque, com seus fundadores dispersos em diferentes cidades, o movimento estaria fadado a rápido fracasso.

O episódio mostra como se andou — para trás — em relação aos tempos pioneiros do marechal Rondon. Já é tempo de se definir uma política indigenista que se dedique a reunir, em torno dos índios, homens que não os encarem nem como inimigos nem como presas fáceis, mas como pessoas. Isso implica que a Funai tenha garantias que a isentem de subordinar-se a políticas imediatistas desta ou daquela Pasta, deste ou daquele administrador. Implica que em sua direção estejam, não apenas funcionários subordinados, mas personalidades independentes e representantes dos setores que atuam diretamente em contato com os índios. Inclusive representantes das próprias nações indígenas, que vêm demonstrando plenamente sua disposição para assumir seu futuro.